

A arte da

7 MAR 1987

negociação

Divida externa

AUSTREGESILIO DE
ATHAYDE

O ministro do Tesouro da Itália, sr. Giovanni Giuseppe Gorla, recebeu em Roma o seu colega brasileiro Dilson Funaro que anda, como se sabe, penando pelo mundo, do Ocidente ao Oriente Extremo, à cata de compreensão e apoio para a crise brasileira, tão simples e lógica de que só podemos pagar as nossas dividas se tivermos os meios materiais para fazê-lo. Há anos vamos entretendo os nossos credores, primeiro com cartas de intenções dirigidas ao FMI e depois já na Nova República, com as incansáveis viagens de ministros e autorizados representantes do Governo para explicar o que as oíças aturdidas dos banqueiros não percebem ou fingem não perceber. Há uma obtusidade generalizada entre eles, da qual nos temos aproveitado para uma dilação ao mesmo tempo cansativa e indefinida. E a técnica brasileira de negociar: usar palavras sugestivas, propor soluções intermediárias, até ver exausta, até à última gota, a paciência dos prestamistas. Será então o momento de desfechar-lhes o golpe final. Os latinos, bem mais próximos de nós, e useiros também das mesmas táticas, não só nos entendem como nos apóiam. Uma questão de inteligência e plasticidade.

Em França e na Itália, o ministro Funaro tem encontrado aquela compreensão que falta aos ingleses e americanos, e também um pouco aos alemães, de outra formação secular. O latino sabe promter e sorrir. Afinal o leite da Loba cria uma fraternidade consanguínea. Foi o que disse o ministro Gorla na própria Roma, longínquo berço do nosso nascimento. Para ele o mundo é pequeno, e cada vez menor, nas dimensões de sua intercomunicação. "Os problemas de uns são problemas de outros. Se não tentarmos todos juntos resolver esses problemas, será difícil pensar num futuro sereno para todos". São palavras cujo conteúdo de sabedoria confunde-se com a substância da latinidade.

A negociação diplomática é uma arte particularmente grata ao gênio brasileiro, muito apurado no falar, com a qual temos feito tombar os nossos interlocutores no curso das nossas naturais divergências com vizinhos próximos e gentes distantes. A essa arte junta-se para aperfeiçoá-la, a nossa habilidade congênita para o "jeitinho", com o qual sabemos dar a volta e empurrar. Nada de vozeirão aleivoso ou ameaçador e sim marcar passo no mesmo terreno, entre sorrisos e ditos amáveis, até ver o adversário estivado no chão pelo cansaço.